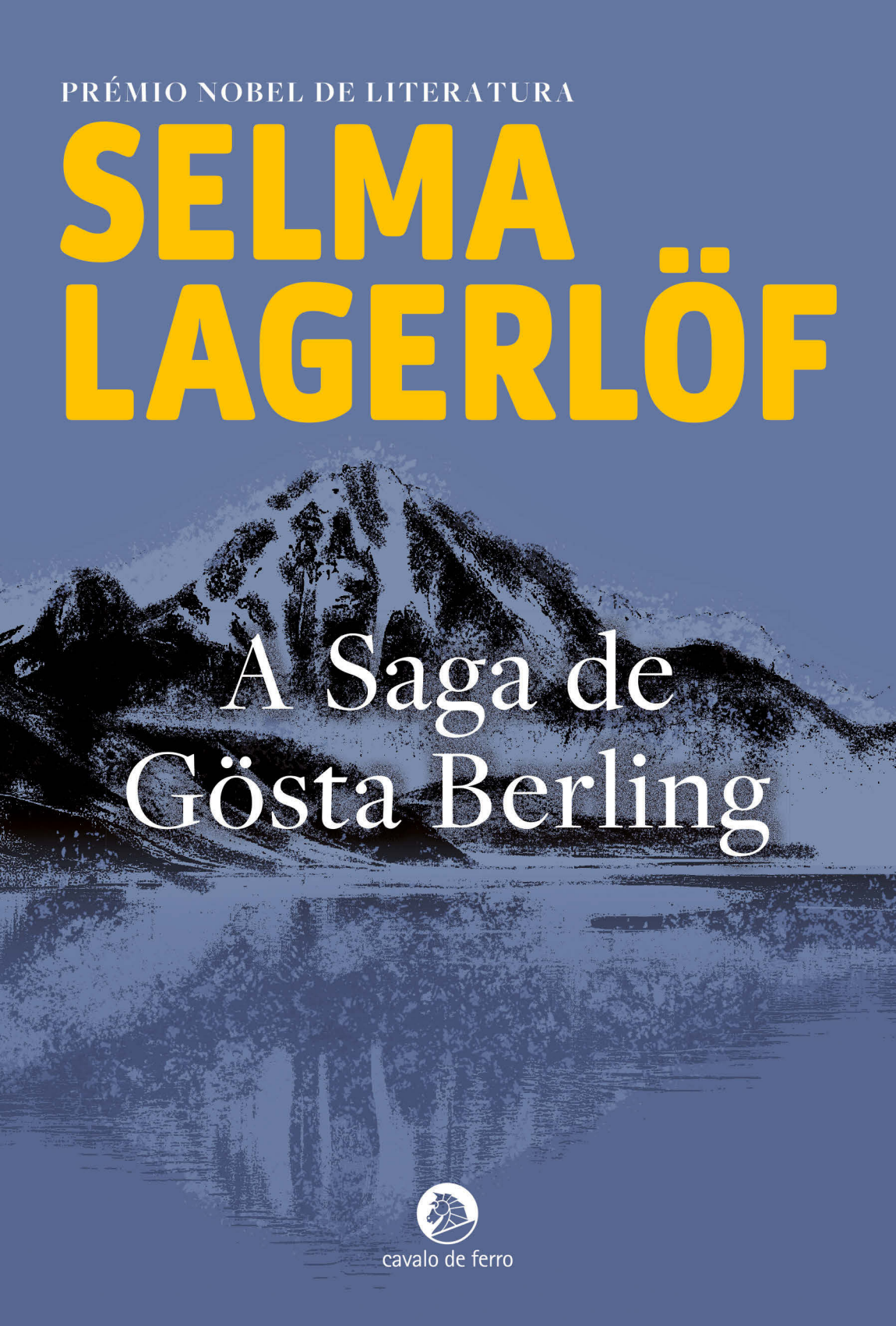
PRÉMIO NOBEL DE LITERATURA

SELMA LAGERLÖF



A Saga de Gösta Berling

cavalo de ferro

PRÓLOGO

I
O padre

Finalmente, lá estava o padre no púlpito.

Levantaram-se todas as cabeças da congregação. Lá estava ele, apesar de tudo!

Não ia faltar à missa neste domingo, tal como fizera no domingo passado e em muitos outros domingos anteriores.

O sacerdote era jovem, alto, magro e extraordinariamente belo. Com um elmo, espada e cota, poderia servir de modelo para uma estátua de mármore a que se poderia dar o nome de «O mais Belo dos Atenienses».

O padre tinha os olhos profundos dum poeta e o queixo firme dum general, pois tudo nele era belo, expressivo, imbuído de génio e vida espiritual.

As pessoas na igreja sentiam-se estranhamente subjugadas por esta visão. Estavam mais habituadas a vê-lo sair cambaleante da taberna com outros foliões, tais como Beerencreutz, o coronel dos espessos bigodes brancos, e o possante capitão Kristian Bergh.

Tinha andado a beber tanto que, durante várias semanas, ficara incapaz de desempenhar o seu cargo, tendo a congregação, finalmente, de fazer queixa, primeiro junto do seu deão e, em seguida, junto do bispo da diocese. Agora o bispo viera fazer uma inspecção e um inquérito. Estava sentado no coro, de cruz de ouro ao peito, com padres do seminário de Karlstad e das paróquias vizinhas.

Não havia qualquer dúvida de que o comportamento do padre ultrapassava todos os limites do permitido. Naqueles tempos, por volta

de 1820, as pessoas eram, geralmente, tolerantes em relação ao álcool, mas este homem tinha descurado o seu trabalho por causa do vício e agora tinha de ser punido.

O padre aguardava no púlpito enquanto se cantava o último verso do hino antes do seu sermão.

Sentiu de repente, com grande certeza, enquanto esperava, que só tinha inimigos na igreja, inimigos em todos os bancos. Entre os senhores no balcão, entre os lavradores sentados lá mais abaixo na igreja, entre as crianças comungantes no coro... só havia inimigos. Era inimigo o homem que accionava a bomba de fole do órgão e igualmente aquele que o tocava. Tinha inimigos no banco dos fabriqueiros. Todos o odiavam, desde as pequenas crianças de colo até ao guarda da igreja, um rígido e duro soldado que participara na Batalha de Leipzig.

O padre gostaria de se ajoelhar e pedir misericórdia.

Mas logo o invadiu uma ira oprimida. Lembrou-se de como se sentira, há um ano, quando pela primeira vez subiu ao púlpito. Nessa altura era um homem irrepreensível e agora estava a ver, lá em baixo, o homem da cruz dourada que viera para o julgar.

Enquanto lia a introdução, vaga após vaga de sangue perpassou pelo seu rosto. A ira.

É verdade que havia bebido, mas quem tinha o direito de o acusar? Alguém havia visto a casa onde tinha de viver? Os abetos chegavam escuros e sinistros até às janelas. A humidade pingava dos tectos negros ao longo das paredes bolorentas. Não faria, porventura, falta a aguardente para não se perder o ânimo, quando a chuva ou a neve entravam pelos vidros partidos das janelas e quando a terra estéril não queria dar o suficiente para manter a fome longe?

Pensou que tinha sido precisamente o padre que eles mereciam. Todos eles bebiam. Porque deveria ele ser o único a conter-se? Um homem mal acabava de enterrar a mulher embebedava-se logo a seguir; o pai mal acabava de baptizar o seu filho apanhava uma valente bebedeira. Os que saíam da missa bebiam tanto, no caminho de regresso, que chegavam completamente bêbedos a casa. Um padre borracho era o indicado para eles.

Era nas viagens em serviço quando, envergando o seu fino casaco, tinha de viajar sobre lagos gelados, sítio onde todos os ventos frios tinham marcado encontro; era quando, no mesmo lago, os ventos e as chuvas torrenciais o fustigavam no barco; era quando, em plena tempestade de neve, tinha de sair do trenó e guiar o cavalo através de montes de neve altos como casas; ou quando atravessava os pântanos da floresta a vau; pois era nessas alturas que ele aprendia a amar a aguardente.

Os dias do ano iam passando em pesada tristeza. Durante o dia, os pensamentos de lavradores e senhores estavam presos à terra, mas, de noite, os espíritos deitavam fora as grilhetas, libertados pela aguardente. Chegava a inspiração, o coração era aquecido, a vida ficava radiante, os cantos soavam, as rosas exalavam perfume. Nessas alturas, a taberna parecia um jardim de flores. Sobre a sua cabeça cresciam uvas e azeitonas, estátuas de mármore reluziam na escura folhagem. Sábios e poetas passeavam debaixo de palmeiras e plátanos.

Não, ele, o padre no púlpito, sabia que sem aguardente não se podia viver nesta parte do país. Todos os seus ouvintes o sabiam, e agora queriam julgá-lo.

Queriam tirar-lhe a sotaina, porque ele tinha aparecido bêbedo na casa de Deus. Oh, todas estas pessoas, tinham elas ou queriam elas pensar que tinham qualquer outro Deus que não fosse a aguardente?

Lera a introdução, e agora estava de joelhos para rezar o pai-nosso.

O silêncio era total, durante a oração. Mas, de repente, o padre agarrou com as duas mãos as fitas que seguravam a sotaina. Pareceu-lhe que toda a congregação, com o bispo à frente, vinha a subir a escada do púlpito para lhe despir a sotaina. Estava ajoelhado e não virou a cabeça, mas sentiu que o puxavam. Via-os, nitidamente, tanto o bispo como os padres do seminário, os deões, os fabriqueiros, o sacristão e toda a congregação, numa longa fila, puxando-o e sacudindo-o, para lhe tirar a sotaina. E, na sua imaginação, viu que todos os que estavam a puxá-la com tanta raiva e sofreguidão cairiam, uns sobre os

outros pela escada abaixo, quando a sotaina cedesse. E todos os que não tinham chegado a puxá-la cairiam também.

Viu tudo com tanta nitidez que teve de sorrir, mas ao mesmo tempo sentia o suor, frio, na testa. No fundo, tudo era demasiado horrível.

Seria, agora, um padre exonerado, e por causa da aguardente! Existe nesta terra algo mais desgraçado?

Viria a ser um dos vagabundos da estrada, estirado, bêbedo, à beira da estrada, vestindo trapos, na companhia de vigaristas.

A oração terminou. Ia começar a ler o seu sermão. Lembrou-se, de súbito, de uma coisa que fez silenciar as palavras nos seus lábios. Lembrou-se de que era a última vez que estava no púlpito a pregar a glória de Deus.

Pareceu-lhe que o chão da igreja, assim como todos os ouvintes, desceu muito fundo, e que o tecto se levantou, permitindo-lhe ver o céu. Estava só, no seu púlpito. O seu espírito elevou-se em direcção ao céu aberto por cima dele, a sua voz tornou-se forte e formidável, e pregou a glória de Deus.

Era um homem de inspiração. Abandonou a palavra escrita, e os pensamentos desceram sobre si como um bando de pombos. Tinha a sensação de não ser ele próprio a falar. E compreendeu, portanto, ser isso mesmo o mais sublime que havia no mundo, e que ninguém podia atingir maior profundidade do que aquele que, em esplendor e glória, pregava a glória de Deus.

Enquanto a chama da inspiração ardia sobre si, continuou a falar, mas quando esta se extinguiu e o tecto baixou sobre a igreja e o chão regressou das profundezas à sua posição, curvou-se e chorou, sabendo que a vida lhe tinha dado o seu melhor momento e que agora tudo acabara.

Depois do serviço religioso vieram o inquérito e a reunião. O bispo perguntou se a congregação tinha queixas do seu padre. O padre já não estava zangado e arrogante, como antes do sermão. Agora sentia vergonha e baixou a cabeça. Oh, todas as miseráveis histórias de bebedeiras que de agora em diante se iriam seguir!

Mas não se disse nada. O silêncio era total à volta da grande mesa da casa paroquial.

O padre olhou à sua volta. Primeiro olhou para o sacristão. Estava calado. Depois para os fabriqueiros, em seguida para os importantes proprietários de terras e siderurgias. Estavam todos calados e, um pouco embaraçados, fitavam a mesa.

Esperam que alguém comece, pensou o padre.

Um dos fabriqueiros pigarreou.

— Eu acho que temos um bom padre — disse.

— Vossa reverência ouviu como ele prega? — perguntou o sacristão.

O bispo mencionou as frequentes missas canceladas.

— O padre tem direito de estar doente como qualquer outra pessoa — disseram os lavradores.

O bispo falou do seu descontentamento com o estilo de vida do padre.

Defenderam-no todos em uníssono. Ele era jovem, não era grave. Não, se ele continuasse a pregar como hoje, não queriam trocá-lo nem pelo próprio bispo.

E não havendo acusadores, não podia haver juízes.

O padre sentiu o coração expandir-se e o sangue correr leve pelas veias. Não, ele não mais estava entre inimigos, ele tinha-os conquistado quando menos esperava. Ia poder continuar a ser padre!

Depois do inquérito, o bispo, o deão e os mais importantes paroquianos jantariam em casa do padre.

Uma das vizinhas tinha-se encarregado do jantar, porque o padre era solteiro. Ela tinha feito tudo da melhor maneira, e o padre ficou consciente de que a sua casa, afinal, não era assim tão horrível. A comprida mesa estava posta ao ar livre debaixo dos abetos, com toalha branca, louça branca e azul, e os guardanapos elegantemente dobrados. Dois vidoeiros ladeavam a entrada, o chão do vestíbulo estava coberto de folhas de zimbro, e no tecto haviam pendurado uma coroa de flores. Em todas as divisões havia flores que afugentaram o cheiro a bolor, e as vidraças esverdeadas das janelas cintilavam alegremente ao sol.

O padre estava muito feliz. Pensou que nunca mais haveria de beber.

Não. Não havia ninguém naquela mesa que não estivesse contente. Os que se tinham mostrado magnânimos e perdoado estavam

felizes, e os distintos padres estavam satisfeitos porque se tinha evitado um escândalo.

O bom bispo levantou o copo e contou que tinha iniciado aquela viagem com um peso no coração, pois ouvira muitos maus rumores. Saíra para enfrentar um Saulo, mas vejam, Saulo já se tinha transformado num Paulo. E o piedoso senhor continuou a falar nos ricos talentos que o seu jovem irmão recebera, louvando-os. Mas, cuidado, ele que não se vangloriasse, antes se esforçasse ao máximo e cuidasse bem de si próprio, como o tem de fazer qualquer pessoa que leva aos seus ombros um pesado e precioso fardo.

O padre não ficou bêbedo nesse jantar, mas como que inebriado. Toda esta grande e inesperada felicidade lhe subiu à cabeça. O céu enviara a chama da inspiração sobre ele, e os homens deram-lhe o seu amor. O seu sangue continuava a correr, escaldante, e a uma velocidade vertiginosa pelas suas veias, quando os convidados saíram ao anoitecer. O padre ficou sentado no seu quarto até tarde, deixando entrar o ar da noite pela janela aberta para refrescar essa ditosa febre, a maravilhosa agitação que o impedia de dormir.

Então ouviu-se de repente uma voz.

— Estás acordado, padre?

Um homem atravessou o relvado e chegou à janela. O padre olhou lá para fora e reconheceu o capitão Kristian Bergh, um dos seus fiéis companheiros de copos. O capitão Kristian era um vagabundo, sem eira nem beira, de enorme estatura, qual gigante. Era grande como o monte de Gurlita e estúpido como um papão.

— Estou deveras acordado, capitão Kristian — respondeu o padre. — Achas que numa noite como esta dá para dormir?

Ouçam só o que o capitão Kristian lhe conta! O gigante tivera os seus pressentimentos, tinha compreendido que, de futuro, o padre ia ter receio de beber. Nunca mais teria sossego, pensara o capitão Kristian, os padres do seminário em Karlstad podiam voltar para lhe tirar a sotaina, se voltasse a beber.

Mas agora o capitão tinha tratado do assunto. Tomara as providências para que os padres do seminário nunca mais voltassem, e o

bispo também não. Daqui em diante, o padre e os seus amigos iam poder beber à vontade no presbitério.

Ouçam só a proeza que ele, Kristian Bergh, o possante capitão, fizera! Uma vez que o bispo e os dois padres do seminário se tinham sentado na carruagem coberta e as portas estavam bem fechadas, subira para o assento de cocheiro e levara-os a passear uma légua ou duas na clara noite de Verão.

E Kristian Bergh deixara os reverendíssimos sentir como é insegura a vida no corpo humano. Deixara os cavalos correr desembestados. Era bem feito, por não tolerarem que um bom homem apanhasse uma carraspana.

Acham que ele foi pela estrada e protegeu os passageiros dos solavancos? Ele passou por valas e restolhais, desceu colinas em vertiginoso galope, passou na ribeira do lago com a água a remoinhar à volta das rodas. Por pouco não ficou preso num pântano, e obrigou os cavalos de pernas rijas e esticadas a descerem por montes a pique. E o bispo e os padres rezavam atrás dos cortinados de cabedal. Nunca tinham feito pior viagem na vida.

E imaginem só o aspecto deles quando chegaram à estalagem de Rissäter, vivos mas sacudidos como grãos de chumbo na bolsa de cabedal!

— O que significa isto, capitão Kristian? — perguntou o bispo, quando este lhes abriu a porta.

— Significa que o bispo deve pensar duas vezes antes de fazer outra viagem de inspecção a Gösta Berling — respondeu o capitão Kristian. Já tinha preparado a frase de antemão, para não se atrapalhar.

— Diga, então, a Gösta Berling — disse o bispo — que nunca mais, nem eu nem qualquer outro bispo, o visitaremos!

Foi esta a proeza que o possante capitão Kristian contou ao padre pela janela aberta nessa noite de Verão. Porque o capitão mal tinha levado os cavalos à estalagem correu logo para dar a notícia ao padre.

— Agora podes ficar sossegado, padre e amigo do coração — disse.

Oh, capitão Kristian, os padres tinham ficado lívidos atrás dos cortinados de cabedal, mas o rosto do padre pareceu ainda mais branco na pálida noite de Verão. Oh, capitão Kristian!

O padre levantou o braço e apontou um formidável golpe à enorme cara estúpida do gigante, mas deteve-se. Fechou a janela com estrondo e estacou no meio da sala, sacudindo o punho para o céu.

Ele, que falara com a língua de fogo da inspiração, ele, que estivera a pregar a glória de Deus, ficou a pensar que Deus estivera a brincar com ele.

Não pensaria o bispo que o capitão Kristian tinha sido enviado pelo padre? Não pensaria ele que o padre tinha fingido e mentido todo o dia? Agora o bispo ia realmente mandar fazer o inquérito. Agora o padre ia ser suspenso e exonerado.

Ao amanhecer, o padre já tinha abandonado a sua casa. Não achou que valesse a pena ficar e defender-se. Deus estivera a brincar com ele. Deus não o quis ajudar. Ele sabia que ia ser exonerado. Deus o quis. Mais valia ir-se embora já.

Isto aconteceu no início do século XIX numa remota paróquia na parte oeste de Värmland.

Era a primeira desgraça na vida de Gösta Berling. Mas não a última. Porque a vida é difícil para os potros que não suportam nem as esporas nem o chicote. Em consequência de cada desgosto que lhes acontece, tomam o freio nos dentes e partem por estradas selvagens em direcção aos abismos abertos. Assim que a estrada se enche de pedras e a passagem se torna difícil, não encontram outra solução senão deitar abaixo a carga e partir como doidos.

II
O mendigo

Num dia frio de Dezembro, um mendigo vinha a subir as colinas de Broby. A sua roupa estava em farrapos e os seus sapatos tão gastos que a neve lhe molhava os pés.

Löven é um lago estreito e comprido na província de Värmland, aqui e acolá formando longos estreitos. Estende-se na parte norte até às grandes florestas e na parte sul até ao lago Vänern. Ao longo das suas margens erguem-se várias freguesias, sendo a de Broby a maior

e a mais rica. Ocupa uma grande parte das margens do lago tanto na parte oeste como na este, mas é na parte oeste que se encontram as maiores herdades — propriedades senhoriais como Ekeby e Björne, famosas pela sua riqueza e beleza, e a grande vila de Broby, com estalagem, tribunal, residência da polícia local, presbitério e mercado.

Broby está situada numa encosta alta. O mendigo já passara pela estalagem, que se encontra no sopé da encosta, e subia penosamente em direcção ao presbitério, que fica no cimo.

À sua frente ia uma rapariguinha, puxando um trenó com um saco de farinha. O mendigo alcançou a pequena e começou a falar com ela.

— Um cavalo tão pequeno para uma carga tão grande! — disse-lhe.

A criança virou-se e contemplou o mendigo. Ela devia ter uns doze anos e tinha uns olhos duros e penetrantes e uma boca bem cerrada.

— Deus quisesse que o cavalo fosse mais pequeno e a carga maior para que durasse mais tempo — respondeu a rapariga.

— É a tua própria comida que transportas?

— Na verdade, é. Eu própria tenho de arranjar a minha comida, apesar de ser tão pequena.

O mendigo pôs a mão na parte traseira do trenó para a ajudar a empurrar.

— Não penses que te vou pagar — disse ela. O mendigo desatou a rir.

— Tu hás-de ser a filha do pároco de Broby.

— Sou, sim. Há muitas pessoas que têm um pai mais pobre, mas ninguém tem um pai pior. É a pura verdade, embora seja uma pena ter de ser a sua própria filha a dizê-lo.

— Dizem que o teu pai é forreta e mau.

— É forreta e mau, mas a filha dele há-de ficar ainda pior, se viver, dizem as pessoas.

— Eu digo que as pessoas hão-de ter razão. Gostava de saber como conseguiste este saco de farinha.

— Não pode fazer mal contar-te. Tirei o trigo hoje de manhã do celeiro do pai e agora volto do moinho com a farinha.

— E ele não te vê quando voltas com o saco?

— Parece que não acabaste a tua aprendizagem. O pai está fora, algures na paróquia, compreendes?

— Vem alguém a subir a colina atrás de nós. Ouço a neve ranger debaixo dos patins do trenó. E se for ele?!

A rapariga pôs-se à escuta e depois começou a chorar.

— É o pai — soluçou. — Ele mata-me.

— Pois, agora um bom conselho vale mais do que ouro — disse o mendigo.

— Tu podes ajudar-me — disse a pequena. — Pega na corda e começa a puxar. Assim o pai pensará que é teu.

— E depois, que faço com ele? — perguntou o mendigo, pondo a corda sobre o ombro.

— Vai para onde quiseres para começar, mas vem ao presbitério logo à noite. Estarei à tua espera. Tens de trazer tanto o trenó como o saco, compreendes?

— Vou tentar.

— Livre-te Deus de não apareceres! — gritou a rapariga, afastando-se a correr para chegar antes do pai.

Com um peso no coração, o mendigo virou o trenó e encaminhou-se em direcção à estalagem.

O pobre do mendigo tivera um sonho, quando caminhava pela neve, quase descalço. Tinha sonhado com as grandes florestas ao norte de Löven, as grandes florestas dos finlandeses[1].

Aqui, na paróquia de Bro, onde agora caminhava ao longo do estreito que liga o Löven Superior ao Löven Inferior, nestas paragens ricas e alegres, onde aparece uma casa senhorial e logo a seguir uma outra, onde há uma siderurgia após a outra, cada caminho parecia-lhe demasiado árduo e cada sala demasiado pequena, cada cama demasiado dura. Um anseio amargo pela paz das grandes florestas apoderou-se dele.

Aqui ouvia o som dos manguais em todos os celeiros, como se nunca acabassem de debulhar o trigo. Os trenós carregados com

1 Trata-se de grandes áreas florestais, colonizadas por imigrantes finlandeses nos séculos XVII e XVIII. (*N. dos T.*)

madeira e carvão vinham constantemente das florestas inesgotáveis. Os transportes de minério causavam sulcos profundos nas estradas. Via trenós com passageiros que passavam rapidamente entre as propriedades, e pareceu-lhe que foi a própria alegria a segurar as rédeas, tendo como passageiros a beleza e o amor. Oh, como ansiava o pobre homem pelo sossego das grandes florestas eternas!

Além, onde as árvores crescem direitas como pilares da terra-plana, onde a neve repousa em pesadas camadas nos ramos imóveis, onde o vento não tem força e só brinca suavemente nas agulhas das copas, é onde ele gostaria de caminhar mais e mais para o interior, até que as forças lhe faltassem e caísse sob as árvores altas, morrendo de fome e frio.

Ansiava por esse grande túmulo sussurrante ao norte de Löven, onde seria vencido pelas forças da morte e onde finalmente a fome, o frio, o cansaço e a aguardente conseguiriam destruir este pobre corpo, que tudo aguentava.

Tinha chegado à estalagem onde quis esperar pela noite. Entrou no bar e ficou sentado, em repouso apático, num banco junto à porta, sonhando com as florestas eternas.

A estalajadeira teve pena dele e serviu-lhe um cálice de aguardente. Serviu-lhe até dois, porque ele pediu com muita insistência.

Mas quando não quis dar-lhe mais, o mendigo ficou completamente desesperado. Ele tinha de beber mais desta aguardente doce e forte. Precisava de sentir mais uma vez o coração dançar no corpo e os pensamentos voarem sob a bebedeira. Oh, esta doce aguardente! O sol do Verão, o canto dos pássaros no Verão, os perfumes e a beleza do Verão, tudo isto trazia a aguardente, na sua onda branca. Mais uma vez, antes de desaparecer na noite e na escuridão, ele queria beber sol e felicidade.

E assim, por aguardente, primeiro trocou o saco de farinha e depois o trenó. Assim conseguiu apanhar uma boa bebedeira e passou uma grande parte da tarde a dormir num banco do bar.

Quando acordou, compreendeu que só havia uma única coisa a fazer. Já que este miserável corpo tinha dominado totalmente o seu espírito, e como ele tinha podido gastar em bebida o que uma criança

lhe tinha confiado, e como era uma vergonha nesta terra, era obrigado a libertar a terra de tanta malvadez. Tinha de libertar a sua alma, deixá-la subir até Deus.

Estava deitado no banco do bar, sentenciando-se a si próprio.

Gösta Berling, padre exonerado, acusado de ter gastado em bebidas a farinha de uma criança esfomeada, és condenado à morte. Qual morte? A morte na neve.

Pegou no boné e saiu a cambalear. Não estava nem completamente acordado nem totalmente sóbrio. Chorava de compaixão por si próprio, pela sua pobre alma maculada, que tinha de libertar.

Não se afastou muito da estalagem e não saiu da estrada. Na berma da estrada havia um monte de neve. Deitou-se na neve para morrer. Fechou os olhos e fez um esforço para adormecer.

Ninguém sabe quanto tempo permaneceu desta maneira, mas ainda estava vivo quando a filha do pároco de Broby chegou a correr com uma lanterna na mão e o encontrou deitado na neve na berma da estrada. Tinha estado à sua espera durante horas. E agora tinha descido as colinas de Broby à sua procura.

Reconheceu-o imediatamente e começou a sacudi-lo enquanto gritava a plenos pulmões para o acordar.

Precisava de saber o que ele tinha feito com o seu saco de farinha. Tinha de fazê-lo regressar à vida pelo menos o suficiente para poder dizer o que acontecera ao seu trenó e ao saco de farinha. O pai matava-a se ela perdesse o trenó. Mordeu um dedo do mendigo e arranhou-lhe a cara, enquanto gritava desesperada.

Passou uma pessoa na estrada.

— C'os diabos, quem é que grita assim? — perguntou uma voz austera.

— Quero saber o que este homem fez com o meu saco de farinha e o meu trenó — disse a criança a soluçar, batendo com os punhos no peito do mendigo.

— Estás a arranhar um pobre homem enregelado dessa maneira? Levanta-te, gata brava!

A pessoa que chegara era uma mulher alta e forte. Saiu do trenó e aproximou-se da massa de neve. Pegou na criança pelo pescoço e

atirou-a para o meio da estrada. Depois inclinou-se, enfiou os braços debaixo do corpo do mendigo, levantando-o. Carregou-o até ao trenó, onde o deitou.

— Vem comigo à estalagem, fera — gritou à filha do pároco. — Para me contares o que sabes desta história.

Uma hora mais tarde, o mendigo estava sentado numa cadeira junto da porta do melhor quarto da estalagem e à sua frente encontrava-se a imponente senhora que o salvara da neve.

Tal como Gösta Berling agora a via, regressada dos trabalhos de transporte de carvão nas grandes florestas, de mãos enfarruscadas e de cachimbo de barro na boca, vestindo um curto casaco de pele de carneiro e uma saia de lã tecida à mão, botas toscas, punhal ao peito — tal como ele agora a via, de cabelo branco, puxado para trás por cima de uma bela cara envelhecida, tal como lha tinham descrito milhares de vezes, compreendeu que se encontrava perante a famosa mulher do major de Ekeby.

Era ela a mulher mais poderosa em toda a província de Värmland, dona de sete siderurgias, acostumada a mandar e a que lhe obedecessem. E ele era só um pobre condenado à morte, desprovido de tudo, e que sabia que cada caminho era demasiado pesado para ele, cada sala demasiado apertada. O corpo dele tremia de espanto quando o olhar dela repousava sobre si.

Ela ficou calada a olhar para a miséria humana que se apresentava à sua frente, para as mãos vermelhas e inchadas, o corpo descarnado e a maravilhosa cabeça, que, apesar, da decadência e do desleixo, ainda brilhava de beleza selvagem.

— É Gösta Berling, o padre maluco? — perguntou.

O mendigo permaneceu imóvel.

— Eu sou a mulher do major de Ekeby.

Perpassou um tremor pelo corpo do mendigo. Juntou as mãos e levantou os olhos com uma expressão ansiosa. O que pensava ela fazer dele? Obrigá-lo-ia a viver? Temia a força dela. Ele que estivera tão perto de alcançar a paz das florestas eternas.

Ela começou a luta dizendo que tinha devolvido o trenó e a farinha à filha do pároco de Broby, e que ela, a mulher do major de Ekeby,

lhe oferecia, a ele, como a muitos outros desalojados, um refúgio na ala dos cavalheiros em Ekeby.

Oferecia-lhe uma vida cheia de brincadeiras e prazeres. Mas ele respondeu-lhe que tinha de morrer.

Então, ela bateu com o punho na mesa e fê-lo saber a sua opinião, sem paráfrases.

— Com que então quer morrer? Isso não me admiraria tanto se fosse vivo. Olhe só para esse corpo descarnado e essas pernas fracas e esses olhos mortos. E continua a afirmar que tem alguma coisa de que pode morrer! Pensa, por acaso, que é preciso uma pessoa encontrar-se rígida e inteiriçada, fechada debaixo da tampa dum caixão, para ser considerada morta? Pensa que não vejo que já está morto, Gösta Berling? Estou a ver que a sua cabeça é uma caveira e parece-me que os vermes estão a sair-lhe das órbitas. Não nota que tem a boca cheia de terra? E não ouve os ossos matraquear quando se mexe? Gösta Berling afundou-se na aguardente e agora está morto. A única coisa que ainda se mexe são os ossos do morto, e não quer deixar que estes vivam. Se é que chama a isso vida. Parece que não vê com bons olhos que os mortos dancem por cima dos túmulos à luz das estrelas. Tem vergonha de ser um padre exonerado, e é por isso que quer morrer agora? Seria mais honroso que fizesse uso dos seus talentos e se tornasse útil nesta terra de Deus, digo eu. Se me tivesse procurado mais cedo, eu teria resolvido tudo. Pois, agora deve estar à espera da grande honra de ser amortalhado e colocado em serradura e chamado um belo morto.

O mendigo ficou sentado, calmo e quase sorridente, enquanto ela trovejava as suas palavras zangadas.

Não há problema, pensou ele, em júbilo. *Não há problema! As florestas eternas estão à minha espera, e ela não tem o poder de desviar a minha alma*.

Mas a mulher do major permaneceu calada e caminhou de um lado para o outro na sala. Acabou por parar junto da lareira, pôs os pés na pedra do lar, apoiando os cotovelos nos joelhos.

— C'os diabos — exclamou ela, rindo baixinho. — Aquilo que digo é mais verdadeiro do aquilo que eu própria poderia adivinhar. Não

sabes, Gösta Berling, que a maioria das pessoas deste mundo estão mortas ou meio-mortas? Pensas que eu estou viva? Oh, não! Oh, não! Olha para mim! Eu sou a mulher do major de Ekeby e devo ser a mulher mais poderosa da província de Värmland. Se levantar um dedo, o governador corre, se levantar dois, o bispo corre, e se levantar três, tanto o capítulo, os membros do tribunal, como os donos de todas as siderurgias de Värmland dançam uma polca na praça de Karlstad. C'os diabos, rapaz, eu digo-te que não sou outra coisa senão um cadáver com roupa. Sabe-se lá quanta vida resta em mim.

O mendigo inclinou-se para diante e escutou com todos os seus sentidos atentos. A velha senhora estava sentada, balouçando-se em frente da lareira. Ela não olhava para ele quando falava.

— Não acreditas que, se eu fosse uma pessoa com vida e visse um miserável com ideias suicidas, não lhas tiraria num abrir e fechar de olhos? Em tal caso verteria lágrimas por ele e diria preces que o abanariam, e salvaria a sua alma. Mas agora estou morta.

» Será que já ouviste dizer que, em tempos, fui a bela Margareta Celsing? Não foi ontem, mas ainda choro até os olhos ficarem vermelhos quando penso nela. Porque é que Margareta Celsing morreu e Margareta Samzelius continua viva, porque é que a mulher do major de Ekeby está viva, podes-me dizer, Gösta Berling? Sabes como era Margareta Celsing? Era esbelta e tenra e inocente, Gösta Berling. Ela era uma dessas pessoas por quem os anjos choram quando morre. Não conhecia maldade, ninguém lhe tinha causado mágoas, era boa para toda a gente. E bela, muito bela. E havia um homem magnífico, que se chamava Altringer. Sabe Deus o que ele veio fazer nas terras selvagens de Älvdalen, onde os seus pais tinham a sua siderurgia. Margareta Celsing viu-o. Era belo, um homem esplêndido, e ele amava-a. Mas era pobre, e resolveram esperar cinco anos, tal como se diz na canção. Passados três anos, ela teve mais um pretendente. Era feio e mau, mas os pais dela pensavam que era rico e obrigaram Margareta Celsing, a bem ou a mal, com pancadas e palavras duras, a casar com ele. Sabes, nesse dia Margareta Celsing morreu. Margareta Celsing deixou de existir nesse dia, só havia a mulher do major Samzelius, e ela não era boa, nem tímida, ela acreditava no mal e

não via o bem. Sabes o que aconteceu depois? Vivíamos em Sjö, aqui na margem do Löven, o major e eu. Mas ele não era rico, como as pessoas diziam. Passei tempos difíceis. Então Altringer voltou, e agora estava rico. Tornou-se dono de Ekeby, uma herdade vizinha à de Sjö. Conseguiu ainda tornar-se dono de mais seis siderurgias junto ao Löven. Era hábil, empreendedor, um homem maravilhoso. Ajudou-nos, na nossa miséria. Viajávamos nas suas carruagens, mandou comida para a nossa cozinha, vinho para a nossa cave. Encheu a minha vida com festas e prazeres. O major partiu para a guerra, o que pouco nos importou! Um dia visitei Sjö, no dia seguinte ele veio a Ekeby. Oh, havia uma tempestade de paródias nas margens do lago Löven. Mas falavam mal de Altringer e de mim. Se Margareta Celsing fosse viva, isso ter-lhe-ia causado muita pena, mas eu não me importava. Mas eu não compreendia ainda que a minha insensibilidade se devia ao facto de estar morta.

» Chegaram os boatos aos meus pais, no meio dos montes de carvão nas florestas de Älvdalen. A velha senhora não hesitou, veio à minha casa para falar comigo.

» Um dia, quando o major estava fora e eu me encontrava à mesa com Altringer e muitos outros, ela chegou. Observei-a entrar na sala, mas não consegui ver que era a minha mãe, Gösta Berling. Cumprimentei-a como se fosse uma desconhecida e convidei-a a sentar-se à minha mesa e a comer connosco.

» Ela quis falar comigo como se eu fosse sua filha, mas eu disse-lhe que se enganara, que os meus pais tinham morrido, tinham morrido ambos no dia do meu casamento.

» Então ela entrou no jogo. Com setenta anos, e tinha viajado quatrocentas léguas em três dias. Sentou-se então à mesa sem cerimónias e serviu-se. Ela era uma pessoa cheia de força.

» Ela disse que foi pena eu ter sofrido uma perda tão grande precisamente nesse dia.

» "O pior", disse eu, "é que, se os meus pais tivessem morrido um dia antes, o meu casamento não se teria realizado."

» "A mulher do major não está satisfeita com o seu casamento?", perguntou ela.

» "Pois", respondi eu. "Agora estou satisfeita. Estarei sempre satisfeita obedecendo à vontade dos meus queridos pais."

» Então ela perguntou se fora vontade dos meus pais que eu espalhasse a vergonha sobre mim e sobre eles, enganando o meu marido. Pouco honrava eu os meus pais, tornando-me assunto da conversa de toda a gente.

» "Eles que se deitem na cama que fizeram", respondi-lhe. E, de resto, essa estranha devia compreender que eu não permitia que alguém falasse mal da filha dos meus pais.

» Comemos, ela e eu. Os homens à nossa volta estavam calados e não conseguiam pegar nos garfos e facas.

» A velhota ficou vinte e quatro horas para descansar e depois partiu.

» Mas durante todo o tempo que passou comigo não conseguia ver que ela era a minha mãe. Eu só sabia que a minha mãe morrera.

» No momento da partida, estava com ela na escada, com a carruagem à espera. Então ela disse-me:

» "Passei um dia e uma noite aqui contigo sem que me tratasses como tua mãe. Vim por caminhos desertos, quatrocentas léguas em três dias. Da vergonha que sinto por ti, o meu corpo treme como se tivesse levado uma sova. Oxalá tu um dia sejas repudiada, como eu fui repudiada — rejeitada como eu fui rejeitada! Que a estrada venha a ser a tua casa, o palheiro, a tua cama, o monte de carvão, o teu fogão! Que a vergonha e a desonra sejam a tua paga! Que outros te batam, como eu agora te bato!"

» E com isto, deu-me uma forte bofetada.

» Eu levantei a minha mãe, desci a escada com ela e metia-a na carruagem.

» "Quem és tu para me amaldiçoares?", perguntei-lhe. "Quem és tu para me dares uma bofetada? É coisa que não tolero a ninguém."

» E devolvi-lhe a bofetada.

» A carruagem partiu, e nesse momento, Gösta Berling soube que Margareta Celsing estava morta. Margareta Celsing era boa e inocente, não conhecia o mal. Os anjos teriam chorado no seu túmulo. Se ela estivesse viva, se não tivesse batido na sua mãe.

O mendigo, junto à porta, tinha escutado, e as palavras tinham durante algum tempo abafado o aliciante sussurro das florestas eternas. Vejam só, esta senhora poderosa fingindo ser sua igual no pecado, sua irmã na perdição, para lhe dar coragem para viver! Tudo para ele aprender que havia mágoa e culpa sobre outras cabeças e não só sobre a sua. Levantou-se e caminhou até junto da mulher do major.

— Gösta Berling, queres viver agora? — perguntou com uma voz rouca devido às lágrimas. — Porque tens de morrer? Podias ter sido um bom padre, mas o Gösta Berling, que afundaste em aguardente, nunca foi tão cândido como aquela Margareta Celsing que eu sufoquei em ódio. Queres viver?

Gösta ajoelhou-se em frente da mulher do major.

— Perdoa-me! — disse. — Não posso.

— Eu sou velha e estou endurecida por grandes mágoas — respondeu a mulher. — E estou aqui a colocar-me à mercê dum mendigo que encontrei meio-morto na neve à beira da estrada. É bem-feita! Vai suicidar-te, porque assim nunca poderás contar a ninguém acerca da minha loucura.

— Eu não sou um suicida, sou um condenado à morte. Não tornes a luta demasiado difícil para mim! Não posso viver. O meu corpo tomou o domínio sobre a alma e por isso tenho de libertá-la, de deixá-la ir ter com Deus.

— Com que então pensas que é para onde ela irá?

— Adeus e obrigado!

— Adeus, Gösta Berling!

O mendigo levantou-se e dirigiu-se à porta, cabisbaixo e arrastando os pés. Esta mulher tinha tornado pesado e difícil o caminho para as grandes florestas.

Quando chegou à porta, teve de virar-se. Viu o olhar da mulher do major, que estava sentada, quieta, fitando-o. Nunca vira uma tal transformação numa cara e ficou parado a olhá-la. Ela, que há bocado estivera zangada e ameaçadora, encontrava-se sentada, como que transfigurada, e os olhos brilhavam de amor, compaixão e piedade. Algo dentro dele, dentro da sua mente desmoralizada, se quebrou perante esse olhar. Encostou a testa na ombreira, levantou os braços por cima da cabeça e desfez-se em choro.

A mulher do major atirou o cachimbo para a lareira e aproximou-se de Gösta. De repente, os seus movimentos eram suaves como os de uma mãe.

— Pronto, pronto, meu rapaz!

E sentou-se no banco com Gösta ao seu lado, enquanto ele chorava com a cabeça no seu colo.

— Ainda desejas morrer?

Então ele quis levantar-se. Ela teve de impedi-lo usando a força.

— Agora digo-te, podes fazer como quiseres. Mas prometo-te que, se quiseres viver, vou tomar conta da filha do pároco de Broby e dar-lhe educação, e ela vai agradecer a Deus por lhe teres roubado a farinha. Bem, o que dizes?

Ele levantou a cabeça e olhou-a nos olhos.

— A sério?

— Sim, Gösta Berling.

Então ele torceu as mãos em angústia. Viu na sua imaginação os olhos duros, os lábios firmemente cerrados e as pequenas mãos magríssimas. Agora esta jovem criatura ia ter protecção e cuidados, e a humilhação iria desaparecer do seu corpo, assim como a maldade da sua alma. Agora, o caminho até às florestas eternas ficava-lhe barrado.

— Prometo não me matar enquanto ela estiver sob os teus cuidados — disse-lhe. — Eu bem sabia que irias ser mais forte do que eu.

— Gösta Berling — disse ela com cerimónia. — Lutei por ti como se de mim própria se tratasse. Disse a Deus: Se ainda houver algo de Margareta Celsing dentro de mim, permite-me que surja e se mostre, para que este homem não se mate! E Ele assim fez, e tu viste-a, e por isso não te conseguiste ir embora. E ela disse-me ao ouvido que por causa da criança tu devias abandonar a tua intenção de te matares. Vocês, os pássaros bravos, são demasiado audaciosos, mas Nosso Senhor sabe com que rede vos apanha.

— Deus é grande e maravilhoso — disse Gösta Berling. — Ele brincou comigo, mas não me quer deixar morrer. Que seja feita a Sua vontade!

A partir desse dia, Gösta Berling foi um dos cavalheiros de Ekeby.

Fez duas tentativas de sair de lá e abrir caminho para uma vida onde vivesse do seu próprio trabalho. Uma das vezes, a mulher do

major deu-lhe uma pequena quinta perto de Ekeby, para onde ele se mudou para viver como um lavrador. Conseguiu o seu intento durante algum tempo, mas em breve se fartou da solidão e da faina diária e regressou para ser cavalheiro de novo. A segunda vez, tornou-se preceptor de Henrik Dohna em Borg. Apaixonou-se pela jovem Ebba Dohna, irmã do conde, mas quando ela faleceu — precisamente quando pensava estar prestes a conquistá-la — abandonou qualquer ideia de se tornar outra coisa que não um cavalheiro de Ekeby. Pareceu-lhe que, para um padre exonerado, todos os caminhos para uma reabilitação lhe estavam barrados.

1
A paisagem

Agora tenho de descrever o lago comprido, as planícies ricas e as montanhas azuis que constituíram o cenário onde Gösta Berling e os cavalheiros de Ekeby viveram as suas divertidas vidas.

O lago começa no Norte, onde a paisagem é ideal para um lago. A floresta e as montanhas não param de recolher água para o lago, onde pequenos rios e ribeiros desaguam durante o ano inteiro. O lago estende-se sobre areia branca e fina, tem cabos e ilhotas que reflecte e contempla; o Espírito e as Fadas das Águas têm o espaço livre para percorrer e brincar, e o lago cresce rapidamente até ficar grande e belo. No Norte, o lago é alegre e amável. Basta vê-lo numa manhã de Verão, quando se estende, estremunhado, debaixo do véu do nevoeiro, para ver como é alegre. Para começar, brinca um bocadinho, surge devagarinho, devagarinho do véu transparente, tão misteriosamente belo que quase não dá para reconhecer; mas, de repente, arranca a capa e estende-se, nu e alegre, cintilando na luz da manhã.

Mas o lago não se contenta com esta vida brincalhona e fecha-se numa passagem estreita, força o seu caminho através de colinas de areia, no Sul, procurando para si um reino novo. E encontra-o. O lago torna-se maior e mais imponente, tem profundidades insondáveis para encher e uma paisagem industriosa para embelezar. Agora a água fica, também, mais escura, as margens menos variadas, os ventos mais fortes e todo o seu carácter mais severo. É um lago majestoso e maravilhoso. Numerosos são os barcos e as jangadas transportando madeira que aí se deslocam, e só tarde o lago pode iniciar o

seu descanso invernal, raras vezes após o Natal. Muitas vezes está também maldisposto, pode ficar todo branco, espumar de fúria e derrubar barcos, mas pode também estender-se em repouso sonhador, reflectindo o céu.

Todavia, o lago quer ver o mundo, apesar de as montanhas parecerem sempre mais ásperas e o espaço sempre mais estreito; mais ele insiste, mais vai descendo, para, finalmente, mais uma vez, se apertar entre as margens de areia. Depois alarga pela terceira vez. No entanto, já sem a mesma beleza e dignidade.

As margens decrescem e tornam-se mais monótonas, os ventos são mais amenos e o lago inicia mais cedo um descanso invernal e prematuro. Continua belo, mas perdeu a exaltação juvenil e a força viril, é um lago como qualquer outro. Com dois braços procura, ziguezagueando, o caminho para o lago Vänern e, ao encontrá-lo, precipita-se em decrepitude por escarpas íngremes e passa, com uma derradeira proeza, para o seu ribombante descanso.

A planície tem o mesmo comprimento que o lago. Devemos, no entanto, pensar que devia ser difícil para a planície abrir o seu caminho por colinas e montanhas, desde o vale na ponta norte do lago, onde, pela primeira vez, se ousa alargar, e até se conseguir deitar, em preguiçoso repouso, ao longo da margem do lago Vänern. Não é para duvidar que a planície preferiria seguir a margem em toda a sua extensão, mas as montanhas não a deixam. As montanhas são enormes muros de granito, cobertos de árvores e cheios de barrancos que tornam difícil a passagem — ricas em musgo e líquen, nesses velhos tempos eram um lar para tanta caça. No meio das compridas colinas encontramos frequentemente um pântano ou um pequeno lago com água escura. Aqui e acolá há ainda vestígios de um monte onde se fazia carvão ou uma clareira onde apanhavam lenha ou madeira; ou então uma área de terra queimada. Tudo isto testemunho de que as montanhas também aceitam a presença do trabalho. Mas, normalmente, estão em despreocupada quietude, contentes com o eterno jogo de sombras e luz nas encostas.

E com estas montanhas está a planície em constante disputa — pois ela é beata e rica e ama o trabalho — no entanto, é uma disputa amável.

— Basta — diz a planície às montanhas. — Que ponham os vossos muros à minha volta. Para mim é segurança suficiente.

Mas as montanhas não querem ouvir tal conversa. Estendem longas filas de colinas e planaltos áridos até ao lago. Erguem maravilhosos miradouros nos promontórios e tão raramente abandonam a margem que somente em alguns escassos sítios da planície se pode rolar na sua areia fofa. Mas de pouco vale queixar-se.

— Podes sentir-te muito contente por estarmos aqui! — dizem as montanhas. — Pensa só no período antes do Natal, quando os nevoeiros frios como a morte passam, dia após dia, pelo lago Löven. Fazemos-te um grande favor em estarmos onde estamos.

A planície queixa-se que tem pouco lugar e falta de vista.

«És parva», respondem as montanhas. «Se soubesses como sopra o vento aqui perto do lago. Fazem falta costas de granito e um casaco de abetos para o suportar. E, de resto, podes ficar contente só pelo facto de poderes olhar para nós.»

Pois, olhar para as montanhas, é exactamente o que a planície faz. Conhece bem todos os estranhos matizes de luz e sombra que passam por elas. Sabe como à luz do meio-dia parecem afundar-se no horizonte, baixas e com uma ténue cor azul; e, na luz da manhã, ou do fim do dia, como se erguem até uma altura imponente, pintadas de um azul, claro como o zénite do céu. Às vezes a luz cai tão viva sobre elas que ficam verdes ou de uma cor preta azulada, e cada pinheiro, cada estrada e cada barranco é visível a muitas léguas de distância.

É verdade que acontece, em certos pontos e locais, as montanhas afastarem-se para o lado permitindo que a planície olhe o lago. Mas quando ela vê o lago em fúria, cuspindo e silvando como um gato bravo, ou coberto pelo fumo frio, que é provocado pelo Espírito das Águas, durante o fabrico da cerveja, então a planície recolhe-se logo para as montanhas, retornando à sua apertada prisão.

Desde tempos imemoriais, os homens cultivam a maravilhosa planície, e assim surgiram as cidades. Em qualquer parte onde um rio, em espumante mergulho, se precipita, nesse mesmo local apareceram fábricas e moinhos. Nesses lugares abertos e claros, as pessoas construíram igrejas e presbitérios, mas a meio caminho, nas encostas,

onde a terra está cheia de pedras e é de difícil cultivo, encontram-se as casas dos lavradores, dos oficiais e uma ou outra casa senhorial.

Deve, no entanto, ser dito que no século XIX esta região não estava, nem de longe, tão cultivada como agora. Uma grande parte da terra agora cultivada era floresta, lago e pântano. O povo também não era muito numeroso, e as pessoas tiravam o seu sustento quer transportando coisas para as muitas fábricas, quer trabalhando nelas ou noutros sítios. A agricultura não os podia sustentar. Naqueles tempos, os habitantes da planície vestiam roupa feita em casa, comiam pão de aveia e contentavam-se com o pagamento de doze xelins por dia. A penúria era grande, mas, muito frequentemente, aliviada pela disposição alegre e leve dos habitantes, tal como pela sua destreza e capacidades inatas.

E essas três coisas, o lago comprido, a próspera planície e as montanhas azuis, formavam uma belíssima paisagem, que ainda hoje em dia existe, tal como o povo continua forte, valente e dotado. Os progressos têm sido grandes, tanto no que se refere à prosperidade como à educação.

Que passem bem todos aqueles que vivem junto do comprido lago e das azuis montanhas! São algumas das memórias dessas pessoas que agora vos vou contar.

2
A Noite Santa

Sintram era o nome do malvado dono da siderurgia de Fors. Sintram, com o seu pesado corpo de macaco: os braços compridos, a cabeça careca e a cara feia e desdenhosa, típica de um homem com vontade de instigar o mal.

Sintram era o homem que só empregava trapaceiros e brigões, e que ao seu serviço só tinha criadas irascíveis e mentirosas. É ele quem põe os cães furiosos espetando agulhas nos seus focinhos, e que se sente no seu melhor quando está no meio de pessoas rancorosas e animais raivosos.

Sintram, cujo maior prazer é disfarçar-se de Diabo — com cornos, cauda, casco de cavalo e tronco peludo — e irromper, de repente, dos cantos escuros, do forno do padeiro ou dum barracão de lenha, para assustar crianças e velhas supersticiosas.

Sintram adorava trocar uma velha amizade por um ódio fresco e envenenar um coração com mentiras.

Sintram é o seu nome, e ele chegou a Ekeby.

***

Tragam o grande trenó de lenha para o meio da forja e ponham um fundo de carruagem sobre as estacas! Agora já temos uma mesa. Viva a mesa, a mesa está pronta!

Tragam agora cadeiras, tragam tudo o que sirva para uma pessoa se sentar! Tragam tripeças de sapateiro e caixotes vazios! Tragam

velhas poltronas sem espaldar, e o velho trenó sem patins e o coche inutilizado! Ah! Ah! Ah! Tragam o velho coche! Será a tribuna do orador.

Vejam só! Falta-lhe uma roda e toda a caixa! Só ficou o assento do cocheiro. O coxim está estragado, o musgo deita poeira à sua volta e, com a idade, o cabedal tornou-se castanho-avermelhado. A velha carcaça é alta como uma casa. Ponham escoras, mais escoras, porque de outro modo cairá!

Viva! Viva! É Noite Santa em Ekeby.

O major e a sua mulher dormem atrás dos cortinados de seda da cama de casal, dormem e pensam que a ala dos cavalheiros também está a dormir. Que durmam os criados e as criadas, cheios de arroz-doce e cerveja amarga do Natal, mas dormir não é coisa para os senhores da ala dos cavalheiros. Como pode alguém pensar que a ala dos cavalheiros esteja a dormir?

Não há ferreiros descalços a dar volta às peças prontas para fundir, nem garotos enfarruscados que puxem os carros de carvão. O grande martinete está pendurado no tecto como um braço de punho cerrado. A bigorna está vazia, e os fornos não abrem as suas bocas vermelhas para devorar o carvão. O fole não chia. É Natal. A forja está a dormir.

Dormir, dormir! E tu, criança, estás a dormir, enquanto os cavalheiros estão acordados! As grandes tenazes estão erectas, saídas do chão, com velas de sebo nas garras. Da panela de vinte polegadas, de cobre reluzente, as chamas azuis da queimada iluminam o tecto escuro. A lanterna de Beerencreutz está pendurada no martinete. O ponche vermelho brilha da poncheira como um sol. Há mesa, há bancos. Os cavalheiros celebram a Noite Santa na forja.

Há brincadeiras e alegria, música e canto. Mas o barulho da festa da meia-noite não acorda ninguém. Qualquer ruído da forja morre, abafado pela queda d'água lá fora.

Há riso e brincadeira. E se a mulher do major os visse agora?

E qual era o problema? Ela iria, com certeza, sentar-se junto deles e beber um copo. Ela é uma mulher brava, que não foge quando ouve uma canção báquica ou vê um jogo de cartas. Ela é a mulher mais

rica de Värmland, ousada como um homem e orgulhosa como uma rainha. Ela adora as canções e os violinos e as trombetas. Gosta de vinho, jogos de cartas e mesas com muitos convidados foliões. Ela gosta de ver consumo nas despensas, danças e diversão nas salas e salões. E gosta de ver a ala dos cavalheiros cheia de cavalheiros.

Olhem para eles, à volta da poncheira, cavalheiro após cavalheiro! São doze, doze homens. Não são efémeros nem janotas, mas homens, cuja fama tarde morrerá em Värmland. São homens fortes.

Não há pergaminhos ressequidos nem bolsas de dinheiro atadas com cordões. São homens pobres, despreocupados, cavalheiros a valer. Não são meninos mimados, nem sonolentos senhores nas suas próprias herdades. São, sim, homens viandantes, homens alegres, cavalheiros de cem aventuras.

Hoje em dia, a ala dos cavalheiros está vazia faz muito tempo. Ekeby não é mais o refúgio predilecto de cavalheiros desalojados. Os oficiais na reforma ou nobres empobrecidos não mais andam às voltas por Värmland em instáveis carroças dum só cavalo. Mas que vivam os mortos, que ressuscitem os alegres, os despreocupados, os eternamente jovens!

Todos estes famosos homens sabem tocar um ou vários instrumentos musicais. Estão todos tão cheios de peculiaridades e expressões proverbiais, de caprichos e canções como um formigueiro de formigas. Mas cada um deles tem, no entanto, uma qualidade especial, a sua muito apreciada e única virtude de cavalheiro, a que o distingue dos outros.

Em primeiro lugar, quero mencionar, entre todos os que se reúnem à volta da poncheira, Beerencreutz, o coronel do grande bigode branco, jogador de *kille*[2], intérprete das canções de Bellman. Ao lado dele, o seu amigo e companheiro de guerra, o major de poucas palavras, o grande caçador de ursos, Anders Fuchs. E o terceiro do grupo, o pequeno Ruster, homem do tambor, que há muito tempo era o criado do coronel, mas que ganhara a categoria de cavalheiro graças à sua habilidade para preparar ponche e cantar como segundo baixo.

2 Antigo jogo de cartas, de origem italiana, com figuras do *Tarot*. (*N. dos T.*)

Deve ainda ser mencionado o velho alferes Rutger von Örneclou, o galanteador, de plastrão e peruca, de arrebiques e rendas, além de que se pintava como uma mulher. Ele era um dos cavalheiros mais famosos, assim como Kristian Bergh, o possante capitão, que era um poderoso herói, no entanto, mais fácil de enganar do que um gigante dos contos de fadas.

Na companhia destes dois vinha frequentemente o pequeno patrão Julius, redondo como uma bola, espirituoso, engraçado e muito dotado. Orador, pintor, cantor de baladas e narrador de anedotas. Gostava muito de mandar as suas bocas, tendo como alvo favorito das suas brincadeiras o gotoso alferes e o estúpido gigante.

Também lá estava Kevenhüller, o inventor da carruagem automotora e da máquina de voar, ele, cujo nome ainda ressoa nas grandes florestas. Era de ascendência nobre, tal como também o era a sua aparência: com grandes bigodes virados para cima, barba cerrada, nariz aquilino, olhos estreitos e oblíquos numa rede de rugas cruzadas. Lá estava o grande guerreiro, o primo Kristofer, que nunca saía para lá das paredes da ala dos cavalheiros, a não ser para uma caça ao urso, ou na perspectiva de uma outra qualquer aventura audaz. E, ao seu lado, o tio Eberhard, o filósofo, que viera a Ekeby não para os prazeres e brincadeiras, mas para poder acabar a sua grande obra na ciência das ciências.

Finalmente, menciono os melhores de todos, o meigo Löwenborg, o piedoso, que era demasiado bom para este mundo e que pouca coisa compreendia dos caminhos deste mesmo mundo — e Liljecrona, o grande músico que tinha um bom lar, do qual sentia sempre saudades, mas que, não obstante, teve de ficar em Ekeby, porque a sua alma precisava da riqueza e da variedade para conseguir suportar a vida.

Estes onze homens tinham todos a sua juventude atrás deles e vários deles já tinham entrado na velhice, mas no seu seio havia um homem que só tinha trinta anos e que ainda possuía todas as forças intactas, tanto de espírito como de corpo. Era Gösta Berling, o cavalheiro dos cavalheiros, que, só por si, era melhor orador, cantor, músico, caçador, beberrão e jogador que todos os outros juntos. Ele tinha todas as virtudes de cavalheiro. Que homem tinha a mulher do major feito dele!

Olhem para ele agora na tribuna de orador! A escuridão desce do tecto sobre ele em pesados festões. A sua cabeça loura transparece como a cabeça dum jovem deus, daqueles que punham em ordem o caos. Esbelto, belo, aventureiro, lá está ele.

Mas ele fala com muita seriedade.

— Cavalheiros e irmãos! Aproxima-se a meia-noite, a festa já está muito avançada, são horas de fazer um brinde ao décimo terceiro à mesa.

— Irmão Gösta! — exclama o patrão Julius. — Não há aqui nenhum décimo terceiro, somos só doze.

— Em Ekeby morre um homem todos os anos — continua Gösta com uma voz sempre mais sombria. — Um dos hóspedes da ala dos cavalheiros morre, um dos nossos despreocupados e eternamente jovens. E que importa? Os cavalheiros não podem envelhecer. Se as nossas mãos trémulas não conseguem levantar os copos, nem os nossos olhos mortiços distinguir as cartas de jogo, o que significa a vida para nós, e que significamos nós para a vida? Um dos treze que celebram a Noite Santa na forja de Ekeby tem de morrer, mas haverá sempre um novo cavalheiro para completar o nosso número. Um homem experimentado no ofício da alegria, um que saiba acariciar o violino e as cartas, completará o nosso número. As velhas borboletas devem saber morrer enquanto o sol de Verão ainda brilha. Um brinde ao décimo terceiro!

— Mas, Gösta, somos só doze — objectam os cavalheiros, e não tocam nos seus copos.

Gösta Berling, a quem chamavam poeta, apesar de nunca fazer poesia, continua, imperturbavelmente calmo:

— Cavalheiros e irmãos! Esqueceram quem são? Vocês são aqueles que mexem os arcos dos violinos, mantêm a dança em movimento, fazem soar o canto e a música pelo país. Vocês sabem manter os vossos corações afastados do ouro, assim como as vossas mãos do trabalho.

» Se vocês não existissem, a dança e as rosas morreriam, o jogo de cartas e o canto também, e em todo este bendito país só haveria ferro e donos de siderurgias. A alegria viverá o mesmo tempo que vocês.

Seis anos já celebrei a Noite Santa na forja de Ekeby, e nunca antes alguém se recusou a beber à saúde do décimo terceiro.

— Mas, Gösta — exclamam os cavalheiros —, visto que somos somente doze, como podemos beber à saúde do décimo terceiro?

O rosto de Gösta mostra grande preocupação.

— Somos só doze? — pergunta. — Porque é que é assim? Vamos ser extintos desta terra? Seremos só onze no ano que vem e dez no ano seguinte? Serão os nossos nomes apenas mencionados nos contos? Será o nosso grupo aniquilado? Chamo-o, ao décimo terceiro, porque eu nasci para beber à sua saúde. Das profundidades do mar, do interior da terra, do céu, do Inferno, chamo aquele que completará o grupo de cavalheiros.

Ouve-se um barulho da chaminé, a porta do grande forno de fundição abre-se e o décimo terceiro chega.

Peludo, de cauda e cascos, com cornos e pêra, quando o vêem, os cavalheiros levantam-se dando um grito.

Mas Gösta Berling exclama, com incontrolável júbilo:

— Chegou o décimo terceiro! Um brinde ao décimo terceiro!

Assim chegou ele, o velho inimigo dos homens, até junto dos audazes que perturbam a paz da Noite Santa. Ele, o amigo das bruxas, que estão a caminho do Inferno, em Blåkulla, e que escreve os seus contratos com sangue em papel preto. O mesmo Diabo que dançou com a condessa de Ivarsnäs durante sete dias e que sete padres não foram capazes de exorcizar. Foi ele que chegou.

Quando os aventureiros o vêem, os pensamentos começam a dardejar pelas suas cabeças a toda a pressa. Perguntam-se por quem terá ele saído nesta noite.

Alguns deles estavam mesmo prestes a fugir, aterrorizados, mas logo compreenderam que o cornudo não viera para os levar para o seu reino escuro, mas que fora o tinido dos copos e as canções que o tinham atraído. Ele quis deleitar-se com a alegria dos homens na Noite Santa sem sentir o peso da regência nesta época de alegria.

Oh, cavalheiros, cavalheiros, quem entre vocês se lembra ainda da Noite Santa? É neste momento que os anjos cantam para os pastores nos campos. É agora que as crianças receiam adormecer tão

profundamente que não acordem a tempo para o maravilhoso canto na missa da manhã, no Dia de Natal. Daqui a pouco serão horas de acender as velas de Natal na igreja de Broby, e nas casas da floresta o rapaz preparou, durante a noite, uma tocha cheia de resina para iluminar o caminho da sua querida, na ida à igreja. Em todas as casas, as donas de casa puseram velas de três braços nas janelas, prontas a ser acesas quando os fiéis passam. O organista, ainda meio adormecido, entoa os hinos de Natal, e o velho pároco experimenta na sua cama se ainda tem voz para salmodiar: «Glória a Deus nas alturas, e paz na Terra e entre os homens de boa vontade!»

Oh, cavalheiros, melhor teria sido para vós ficarem quietos nas vossas camas nesta noite de paz, em vez de se imiscuírem com o príncipe das trevas!

Mas eles recebem-no com gritos de boas-vindas, tal como Gösta Berling fizera. Puseram na sua mão um copo de queimada chamejante. Dão-lhe o lugar de honra à mesa e vêem-no com alegria, como se a sua feia cara de sátiro tivesse as doces feições da amada da sua juventude.

Beerencreutz convida-o a participar no jogo de *kille*, o patrão Julius canta para ele as suas melhores baladas, e Örneclou fala com ele de lindas mulheres, essas criaturas maravilhosas que adoçam a vida.

Ele, o cornudo, sente-se à vontade, quando com porte principesco se inclina para trás no assento do velho coche e com a mão, provida de garras, leva o copo, bem cheio, até à sua boca sorridente.

Naturalmente, Gösta Berling faz um discurso em sua honra.

— Mas, Vossa Senhoria, o nosso número não tem sido completo. É bem sabido que no grupo dos doze da poesia tem de haver sempre um Loke, um Prometeu. Essa pessoa falta-nos.

— Vossa Senhoria, seja bem-vinda.

— Olha, olha, olha! — diz o Diabo. — São palavras bonitas, bonitas palavras! Mas eu, eu não tenho tempo para responder! Os negócios, rapazes, os negócios! Tenho de me ir já embora. Estaria de bom grado ao vosso serviço em qualquer função ou papel. Muito obrigado por esta noite, seus palradores. Até à vista.

Os cavalheiros perguntam para onde vai, e ele responde que a nobre mulher do major, a senhora de Ekeby, está à sua espera para renovar o contrato.

Então os cavalheiros ficam muito curiosos.

A senhora de Ekeby é uma mulher severa e muito capaz. Ela pode carregar um barril de centeio nos seus ombros largos. Ela acompanha a carga de minério dos campos de minério de Bergslagen no longo caminho até Ekeby. Ela dorme, como um simples lavrador, no chão, tendo como almofada um saco. No Inverno, sabe vigiar um monte de carvão e, no Verão, acompanhar uma jangada com madeira pelo lago Löven abaixo. É uma senhora autoritária. Pragueja como um rapaz da rua e rege, como um rei, as suas sete siderurgias e quintas dos vizinhos. Manda na sua própria freguesia e nas vizinhas, enfim, em toda a bela Värmlândia. Para os cavalheiros desalojados, ela tem sido como uma mãe, e por isso eles sempre fecharam os ouvidos quando as más-línguas lhes cochicham que ela tem um pacto com o Diabo.

Perguntam com grande assombro que espécie de contrato ela celebrou com ele.

E ele, o Diabo, responde-lhes que lhe deu as sete siderurgias e, em contrapartida, ela prometeu enviar-lhe todos os anos uma alma.

Oh, que horror agora oprime os corações dos cavalheiros! Eles já sabiam, só que até àquele momento não tinham compreendido. Em Ekeby, um homem morre todos os anos. Um dos alegres, despreocupados e eternamente jovens. E depois? Os cavalheiros não podem envelhecer. Quando os seus dedos trémulos não mais conseguem levantar o copo, nem os seus olhos mortiços distinguir as cartas, que importância tem a vida para eles, e o que são eles para a vida? As borboletas têm de saber morrer enquanto há sol.

Mas agora, só agora eles compreendem o exacto significado das coisas.

Maldita seja a mulher! Foi por isso que ela lhes deu muitas refeições saborosas. Foi por isso que ela os deixou beber a sua cerveja amarga e a sua aguardente doce. Foi para que eles, das salas onde bebiam e das mesas de jogo de Ekeby, descessem, a cambalear, até ao rei da condenação, um por ano, um por cada ano que acabava.

Maldita seja essa mulher, a bruxa! Homens fortes e magníficos vieram a Ekeby para perecer. Porque ela os viciou. Os seus cérebros eram esponjas, os pulmões, cinzas secas, e os seus próprios espíritos obscurecidos quando caíam no leito mortuário, prontos para a longa viagem sem esperança, sem alma, sem virtude.

Maldita seja a mulher! Assim morreram homens melhores do que eles, e assim eles também morrerão.

Mas os cavalheiros não ficam muito tempo paralisados pelo peso do horror.

— Tu, ó rei da condenação! — gritam. — Com aquela bruxa não celebrarás mais pactos escritos com sangue. Ela morrerá. Kristian Bergh, o possante capitão, já está com o mais pesado malho ao ombro. Ele vai enfiá-lo, até ao cabo, na cabeça da bruxa. Não haverá mais almas sacrificadas por ela.

— E a ti, cornudo, vamos deitar-te na bigorna e soltar o martinete. Com as tenazes, vamos manter-te quieto debaixo das marteladas e ensinar-te a não caçar almas de cavalheiros.

Que ele é cobarde, o senhor escuro, isso já se sabe. E não lhe agrada ouvir falar no martinete. Chama Kristian Bergh e começa a negociar com os cavalheiros.

— Fiquem com as sete siderurgias este ano, fiquem vocês com elas, cavalheiros, e dêem-me a mulher do major!

— Pensas que somos tão infames quanto ela? — grita o patrão Julius.

— Queremos ficar com Ekeby e as sete siderurgias, mas tu próprio tratarás da mulher do major.

— O que diz Gösta, o que diz Gösta? — pergunta o meigo Löwenborg.

— Gösta Berling tem de falar! Temos de saber a sua opinião numa decisão tão importante.

— Tudo isto é loucura — diz Gösta Berling. — Cavalheiros, não se deixem enganar por ele! O que somos nós contra a mulher do major? Que aconteça o que tiver de acontecer com as nossas almas, mas pela minha vontade não nos tornaremos ingratos patifes, comportando-nos como canalhas e traidores. Já comi a comida da mulher do major durante demasiados anos para que a possa trair agora.

— Então, vai para o diabo, Gösta, se te apetece! A nós, antes nos apetece mandar em Ekeby.

— Mas vocês estão completamente loucos, o que é que beberam até perderem o juízo? Vocês pensam que isto é verdade? Vocês pensam que aquele é o Diabo? Não vêem que é tudo uma maldita mentira?

— Olha, olha, olha — diz o Génio do Mal. — Ele não nota que está a caminho de ficar produto acabado, não obstante já ter passado sete anos em Ekeby. Não nota como já está avançado na trilha.

— Oh, tem vergonha, homem! Eu próprio te ajudei a entrar no forno.

— E isso faz alguma diferença, eu sou um diabo tão bom como qualquer outro! Pois, pois, Gösta Berling, foste fisgado. Ficaste bonito com o tratamento da mulher do major.

— Foi ela quem me salvou — diz Gösta. — O que seria eu sem ela?

— Olha, olha, como se ela não tivesse o seu próprio interesse em guardar-te em Ekeby! Podes aliciar muitas pessoas para as tuas armadilhas. És muito dotado. Tentaste uma vez escapar quando ela te deu uma pequena quinta e te tornaste lavrador, desejando comer o teu próprio pão. Todos os dias ela passava pela quinta, acompanhada de bonitas raparigas. Uma vez, Marianne Sinclaire vinha com elas, e então tu deitaste fora a pá e o avental de couro, e tornaste-te, de novo, um cavalheiro.

— A estrada passava por lá, estúpido.

— Pois, pois, a estrada passava por lá. Depois foste para Borg como preceptor de Henrik Dohna e quase te tornaste genro da condessa Märta Dohna. Quem é que tratou de informar a jovem Ebba Dohna de que eras um padre exonerado, para que fosses corrido? Foi a mulher do major, Gösta Berling. Ela quis-te de volta.

— Grande coisa! — diz Gösta. — Ebba Dohna morreu no ano seguinte. De qualquer modo, ela não teria sido minha.

Agora o senhor escuro aproximou-se muito dele e sibilou-lhe na cara:

— Morreu, pois sim, ela morreu. Matou-se por tua causa, foi o que ela fez. Mas, isso, ninguém to disse antes.

— Tu como diabo és bom!

— Foi a mulher do major que tratou de tudo, digo-te. Ela quis ter-te de volta na ala dos cavalheiros.

— Tu como diabo és bom! — exclama ele, furioso. — Porque não hei-de fazer um contrato contigo? Tu deves conseguir arranjar-me as sete siderurgias, se te apetecer.

— Ainda bem que já não recusas a felicidade!

Os cavalheiros suspiraram de alívio. Eles já tinham chegado ao extremo de não conseguirem fazer nada sem Gösta. Sem o seu consentimento, o negócio não se teria concretizado. E para os cavalheiros, pobríssimos, era uma grande coisa ter sete siderurgias para governar.

— Nota bem — diz Gösta — que aceitamos as sete siderurgias para salvar as nossas almas, mas não para ser patrões que contam dinheiro e pesam ferro! Não haverá pergaminhos ressequidos nem bolsas de dinheiro bem fechadas, porque cavalheiros queremos ser e continuar a ser.

— Sábias palavras — murmura o senhor das trevas.

— Se nos quiseres dar as sete siderurgias por um ano, aceitamos. Mas se durante esse tempo fizermos alguma coisa imprópria de um cavalheiro, ou algo de sensato, útil, próprio de velhotas, então, nesse caso, quando o ano acabar, podes ficar com todos os doze cavalheiros e dar as siderurgias a quem tu quiseres.

O Diabo esfrega as mãos de encanto.

— Mas se nos continuarmos a portar como verdadeiros cavalheiros — continua Gösta —, nunca mais poderás fazer um contrato que envolva Ekeby, e não receberás qualquer pagamento, nem nosso nem da mulher do major.

— São condições duras — lamenta o Diabo. — Oh, querido Gösta, não posso ficar, ao menos, com uma alma, uma pequena alma? Porque não posso ficar com a mulher do major, porque poupas a mulher do major?

— Eu não faço negócio com tais mercadorias — berra Gösta. — Mas se quiseres ficar com alguém, podes levar o velho Sintram. Ele está pronto, garanto eu.

— Olha, olha, é boa ideia — replica o Diabo sem pestanejar. — Os cavalheiros ou Sintram são equivalentes. Será um bom ano.

E utilizando uma pena e um papel preto, escreveram o contrato com sangue do dedo mindinho de Gösta.

Agora, quando tudo está feito, os cavalheiros dão gritos de alegria. Agora, toda a magnificência do mundo será deles durante um ano inteiro. E, depois, sempre haverá alguma solução.

Afastam as cadeiras e formam um círculo à volta da panela do ponche que está no meio do chão preto e sacodem-se numa dança selvagem. Mesmo no centro está o Diabo, dando saltos, até que, finalmente, se deita no chão, ao lado da panela, que levanta e bebe.

Então Beerencreutz atira-se para o lado dele, assim como Gösta Berling. E depois deitam-se todos à volta da panela, que passa de boca em boca. Finalmente a panela entorna-se e a bebida quente e pegajosa banha os homens no chão.

Quando se levantam, a praguejar, o Diabo já não está presente, mas as suas promessas douradas pairam como coroas reluzentes sobre as cabeças dos cavalheiros.

A região de Värmland, na Suécia, é famosa pela vida alegre dos ricos proprietários mineiros, que recebem nas suas casas os ex-oficiais na miséria regressados das campanhas napoleónicas. São homens viajados, boémios inveterados, beberrões e jogadores, com muitas aventuras para contar, o que faz deles o centro das atenções em qualquer festa. Na mansão da poderosa mulher do major de Ekeby, vivem onze destes cavalheiros arruinados. A eles junta-se Gösta Berling, padre exonerado: «o mais forte e o mais fraco dos homens», jovem brilhante, galante e sedutor, líder nato, que conquista os corações de todas as mulheres. Na véspera de Natal, Sintram, o cruel patrão da siderurgia de Fors, cujo maior prazer é disfarçar-se de Diabo, sela um pacto de sangue com Gösta Berling que marcará a ruína e o fim de Värmland.

Obra-prima intemporal da literatura europeia, «livro de imaginação ardente, sobre o qual se constroem os castelos imorredoiros do sonho e da fantasia», *A Saga de Gösta Berling* é unanimemente considerada a mais notável criação literária de Selma Lagerlöf. Uma narrativa surpreendente, com raízes nas antigas sagas e lendas, que oferece ao leitor uma visão do mundo nórdico e da sua natureza encantada, repropondo de forma inteiramente original o tema do homem dividido entre o bem e o mal.

«Entre as escritoras de grande talento e génio, nenhuma,
na minha opinião, ocupa posição mais cimeira que Selma Lagerlöf.»
Marguerite Yourcenar

Penguin Random House Grupo Editorial
www.penguinlivros.pt
cavalodeferro
penguinlivros
ISBN 9789897875526